



EPOPEIA HOLANDESA NO BRASIL

INVASÃO À BAHIA

Romance Histórico



Aydano Roriz

INVASÃO À BAHIA

2ª EDIÇÃO REVISTA PELO AUTOR

LANÇADO ANTERIORMENTE COM O TÍTULO
O LIVRO DOS HEREGES



INVASÃO À BAHIA

Copyright © 2014, 2015 by Aydano Roriz

TODOS OS DIREITOS NO BRASIL RESERVADOS PARA

Editora Europa

Rua MMDC, 121
São Paulo, SP



Diretor Executivo Luiz Siqueira
Diretor Editorial - livros Mário Fittipaldi
Revisão Patrizia Zagni
Edição de Arte Jeff Silva
Imagem de Capa John Callow, Corbis
Imagem da Contracapa Gabriel Soares de Souza
Mapas Cidade de Salvador, autores desconhecidos

Dados Internacionais de catalogação na Publicação (CIP)
(Daniela Momozaki - CRB8/7714)

R787 Roriz, Aydano
Invasão à Bahia: reconstituição histórica da invasão holandesa no Brasil /
Aydano Roriz -- São Paulo: Editora Europa, 2014

ISBN 978-85-7960-248-1

1. Literatura brasileira – Romance 2. História do Brasil I. Título
II. Roriz, Aydano

CDD B869.09

Índices para catálogo sistemático
1. Literatura brasileira : Romance B869.09

Atendimento ao Leitor Fabiana Lopes – fabiana@europanet.com.br
Circulação Ézio Vicente – ezio@europanet.com.br
Promoção Aida Lima – aida@europanet.com.br

Este título também está disponível na versão de livro eletrônico.

Aydano Roriz

INVASÃO À
BAHIA

Reconstituição histórica da
invasão holandesa à Bahia





Baya de

T

Tapsiepe



Villa Velha

P

todos los Santos



Sumário

Capítulo 1: Amsterdã, primavera de 1621.....	11
Capítulo 2: Na República, o chefão é um Príncipe	15
Capítulo 3: Segredo contado, segredo espalhado.....	19
Capítulo 4: Capital do Brasil, março de 1624	24
Capítulo 5: O velho jesuíta aluado	31
Capítulo 6: Premonição de uma desgraça.....	36
Capítulo 7: Estratégia de guerra	43
Capítulo 8: Marcos Cabeção	51
Capítulo 9: Estão chegando!.....	59
Capítulo 10: Cabeça de praia	65
Capítulo 11: Que vergonha, meu Deus!	70
Capítulo 12: Pecado venial	78
Capítulo 13: Salvador, 10 de maio de 1624	84
Capítulo 14: Johan van Dorth.....	90
Capítulo 15: A Virgem Maria concedeu-lhe a graça.....	95
Capítulo 16: Momentos deliciosos de glória.....	99
Capítulo 17: Cara a cara, antigo e novo governador.....	102
Capítulo 18: Aldeia do Espírito Santo.....	102
Capítulo 19: Revelações desconcertantes	115
Capítulo 20: Como em uma daquelas Cruzadas	126
Capítulo 21: Disciplina ferrenha	130
Capítulo 22: Origens do povo holandês	136
Capítulo 23: Prédica do jovem padre Vieira	146
Capítulo 24: Enguia de batina.....	153
Capítulo 25: Arraial Novo	160

Capítulo 26: Inimigo cativante.....	164
Capítulo 27: Manifesto holandês.....	171
Capítulo 28: Paixão à primeira vista	181
Capítulo 29: A fúria de Deus.....	191
Capítulo 30: O primeiro encontro.....	197
Capítulo 31: O preço da liberdade	205
Capítulo 32: Ordenações Filipinas	214
Capítulo 33: Sexo pago	220
Capítulo 34: Uma máxima de Maquiavel.....	222
Capítulo 35: Holandeses enforcados.....	230
Capítulo 36: O vira-folhas	239
Capítulo 37: Ovelha negra da família	241
Capítulo 38: Quem não trabalha, não come	248
Capítulo 39: Um negócio soberbo.....	255
Capítulo 40: Responsabilidade pesa.....	260
Capítulo 41: Rolha de Poço	263
Capítulo 42: Lampejos de inspiração.....	271
Capítulo 43: O pior defeito é não ter defeito algum.....	278
Capítulo 44: Celas d'água	284
Capítulo 45: Dando as cartas novamente.....	295
Capítulo 46: O charme do príncipe Maurício	298
Capítulo 47: Negro sepultado como herói	306
Capítulo 48: Nada convence mais do que a verdade.....	313
Capítulo 49: Amor urgente	322
Capítulo 50: O doce tilintar das moedas.....	327
Capítulo 51: Primeiras impressões da Holanda	333
Capítulo 52: O ataque dos guerrilheiros.....	340
Capítulo 53: Amor é amor, paixão é paixão.....	346
Capítulo 54: O sossego da paz aristocrática.....	353
Capítulo 55: Socorro de Pernambuco à Bahia	362
Capítulo 56: O todo-poderoso Olivares	367
Capítulo 57: Rei sem reino encanta os súditos	372
Capítulo 58: Santa Casa de Misericórdia.....	376
Capítulo 59: O Senhor da Casa da Torre.....	381
Capítulo 60: O direito de usufruir do próprio corpo.....	392
Capítulo 61: Por que os holandeses invadiram o Brasil	396
Capítulo 62: <i>Requiescat in pace</i>	404
Capítulo 63: Epílogo.....	409
Bibliografia selecionada.....	411

SALVADOR, BAHIA, EM 1624

A - Convento do Carmo

B - Portas do Carmo

C - Colégio Jesuíta

D - Convento de São Francisco

E - Igreja da Sé

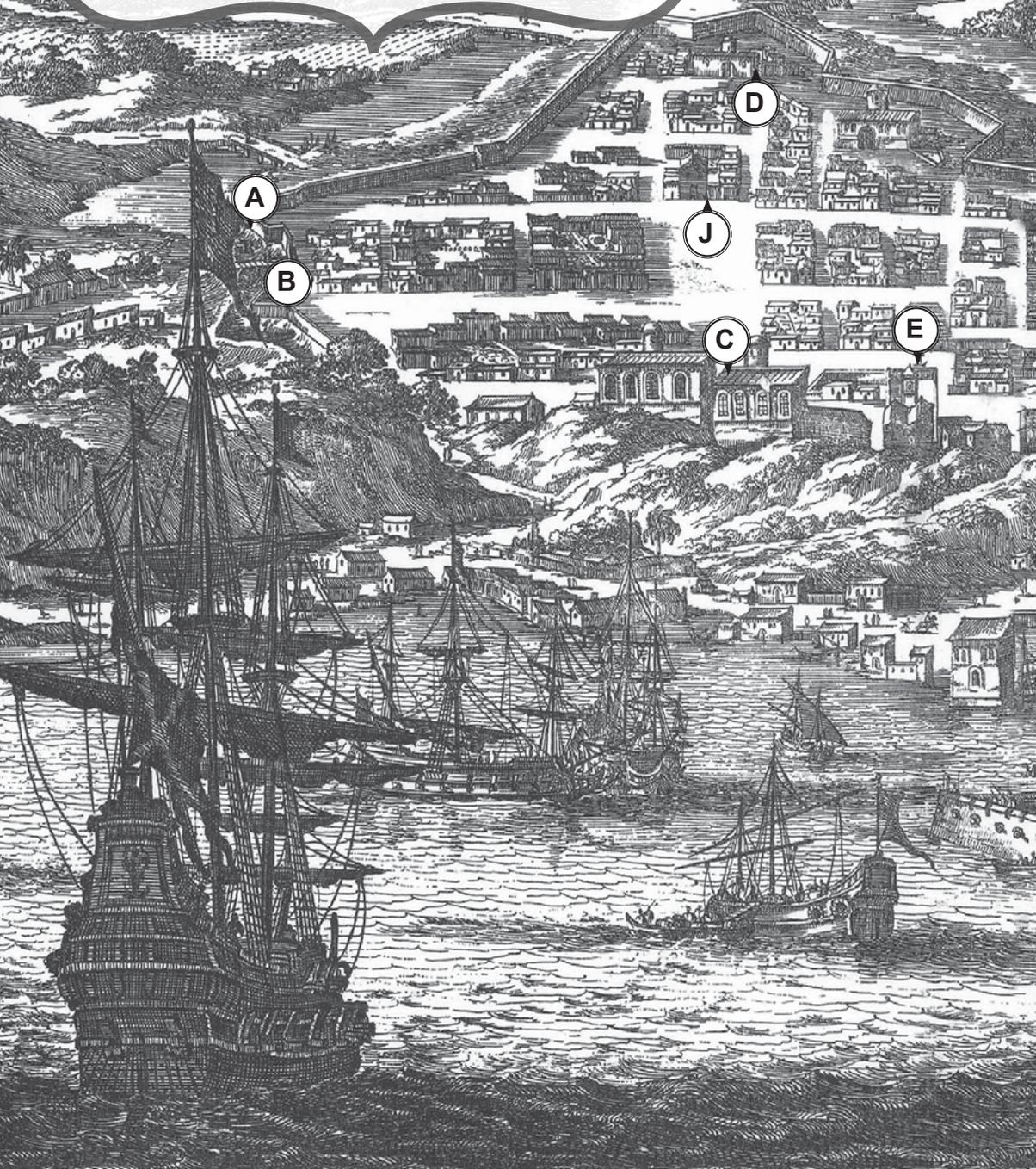
F - Casa do governador

G - Portas de São Bento

H - Mosteiro de São Bento

I - Forte da Laje

J - Casa da Câmara







Capítulo 1

Amsterdã, primavera de 1621

Dtilintar de um sino ao longe pedia a abertura de um pontilhão. O alegre pipiar das gaiotas denunciava a chegada de um barco pesqueiro retardatário. Um queijeiro de Alkmaar – e todos sabiam ser de Alkmaar por conta das vestes que usava – tentava se livrar do encalhe de mercadorias apregoando preços baixos.

Àquela hora, os trapiches estreitos e de tijolo escuro, telhado íngreme e altos frontões com um guincho na cumeeira, estavam todos fechados. Nos andares superiores, as famílias dos proprietários tomavam com vagares a refeição da noite. Alguém dedilhava uma espineta, encantado com a novidade de poder fazer música de cordas a partir de um teclado. Estampada nas vidraças, a luz vacilante das velas e candeias refletia no espelho d'água dos canais, iluminando a noite de Amsterdã.

Caminhando lado a lado, dois homens quase atravancavam a ruela estreita perto do *Waag*, o novo mercado. As roupas escuras, a imensa gola branca quadrada, o chapéu igualmente negro e de copa alta, diziam tratar-se de mercadores. E a conversa entre eles parecia animada. Tinham acabado de sair de

uma taverna, após reunião na Bolsa¹, onde cada um havia se comprometido a adquirir uma quota das três mil de uma nova sociedade comercial.

– Usselinx tem razão – dizia um deles, com a ostentação ruidosa dos tocados pelo álcool. – Com a morte de Felipe Terceiro, a hora parece mesmo boa. A coroa foi parar na cabeça de um menino de dezesseis anos.

– Já morreu tarde, o Terceiro! Mas se o filho for tão estúpido quanto o pai, tanto melhor.

– Não te preocupes. A estupidez na dinastia espanhola só cresce a cada geração – continuou bem-humorado o mais velho dos mercadores, passando familiarmente o braço em torno do ombro do companheiro. – Felipe Segundo era mais estúpido que Carlos Quinto. Felipe Terceiro, bem mais que Felipe Segundo. A tendência é que esse tal de Felipe Quarto seja uma besta quadrada.

– Eh... tomara que seja. E ainda mais agora, com o fim da *Trégua dos Doze Anos*².

– Pelos chifres de satanás! A hora é essa, meu amigo.

– Pode ser. O Usselinx pareceu-me convincente. Mas veja bem, só entrei nesse negócio por tua causa. Seis mil florins é dinheiro grosso para mim.

– É um pouco pesado, sim. Mas pelas barbas de São Nicolau!, eu cá pagaria até mais, só para ver a cara dos espanhóis!

– E tu achas que eles não sabem?... Ora! Esses papistas sacripantas têm espiões em toda parte. Não ficaria cá nem um

1. Fundada em 1602, a Bolsa de Amsterdã é a mais antiga Bolsa de Valores do mundo.

2. Trégua entre a Espanha e os revoltosos dos Países Baixos, assinada em 1609 e com validade até 1621.

pouco surpreso se alguns daqueles sefardins³ fossem gente deles. Os espanhóis têm aquela cara meio moura, meio atoleimada, mas de bobos não têm é nada!

– Pois eu quero mais é que ardam no inferno. Todos eles! Tomar-lhes um pouco do que roubam das colônias será a melhor vingança.

A guerra de independência dos Países Baixos contra a Espanha já durava quarenta anos. De todo modo, o afundamento deste ou daquele navio, as batalhas esporádicas, o cerco a essa ou àquela cidade, haviam se incorporado de tal forma ao dia a dia do povo batavo que as notícias do conflito não causavam mais comoção. As vitórias eram comemoradas, as derrotas rapidamente esquecidas, e a vida ia seguindo o seu curso normal; com as pessoas plantando, colhendo, pescando, fabricando, vendendo, comprando... trabalhando duro, enfim, que ganhar dinheiro era o que importava, até pelo fato da Igreja Reformada Holandesa haver lhes ensinado que a riqueza era um dos sinais exteriores da graça de Deus.

Na reunião daquela noite na Bolsa de Amsterdã, haviam acertado a participação do último grupo de mercadores e burgueses ricos na constituição da *WIC*⁴, a Companhia das Índias Ocidentais. Fundada por Willem Usselinx, um protestante de Antuérpia exilado na Holanda por razões religiosas, o empreendimento parecia mesmo promissor. Tão ou mais promissor que a *VOC*⁵, uma empresa semelhante que estava rendendo lucros fabulosos, por haver conseguido quebrar à força das

3. Judeu descendente dos judeus expulsos de Portugal e da Espanha pela Inquisição.

4. *WIC* - West-Indische Compagnie, ou Companhia das Índias Ocidentais. Originalmente, em holandês, *GWC* – Geocryeerde Westindische Compagnie.

5. *VOC* - Verenigde Oost-Indische Compagnie, Companhia das Índias Orientais.

armas o monopólio dos portugueses e espanhóis no comércio com o Oriente. A expectativa era de que a nova companhia obtivesse o mesmo sucesso, até pelo fato da *WIC* ter sua área de atuação limitada à costa ocidental da África e ao Novo Mundo, regiões bem mais próximas da Europa.

– O que eu cá não gosto – arengava o mais jovem dos mercadores –, é da Companhia já começar com dezenove diretores. Se, quando o meu mano era vivo, volta e meia nos atracávamos para decidir qualquer coisa lá na firma, e éramos só ele e eu, imagino como não deva ser com tantas cabeças pensantes!

– Eh! Acho que vai ser uma confusão dos diabos. *Heeren Negentien*⁶. Vai ser engraçado!

– Sabe uma coisa que eu cá não entendi... Onde é que os Estados-Gerais⁷ entram nessa história?

– Ah, meu amigo, política! Só Deus sabe o que se passa na cabeça dessa gente. Mas desde que não atrapalhem os negócios, eles lá que se entendam.

6. Senhores Dezenove, em holandês. Alusão aos 19 diretores da Companhia.

7. Estados-Gerais era uma espécie de Parlamento na República das Províncias Unidas.



Capítulo 2

Na República, o chefão é um Príncipe

Embora atuando em outra área do Globo, os diretores da VOC sentiram-se ameaçados com o surgimento da WIC. Em decorrência, pôr em funcionamento a nova empresa demandou dois anos. Só então conseguiram fazer uma primeira investida. Despacharam para as costas da África uma pequena frota de quatro navios, com duzentos e vinte homens e setenta e cinco canhões.

Ao sul do arquipélago de Cabo Verde, a armada da WIC atacou pequenas povoações portuguesas ao longo do Rio Cacheu e se apoderou de algumas embarcações. Deram-se por satisfeitos e voltaram para casa.

– Insignificâncias! Insignificâncias! – esbravejava Usselinx na reunião do agora chamado *Conselho dos Dezenove*, irritado com a pouca expressão das conquistas. – Precisamos pensar grande, meus senhores. Pensar grande, ou a Companhia vai pro buraco! O preço das ações está a despencar na Bolsa.

– Ataquemos então Madri – satirizou um dos diretores, indicado pelos comanditários da Província da Zelândia, tentando parecer espirituoso.

Corpulento como um gigante e ligeiramente encurvado, como aqueles homens que parecem carregar o peso do mundo nas costas, os cinquenta e seis anos de Usselincx aparentavam muito mais. Barbicha branca malcuidada, cabelos grisalhos à altura do ombro, nariz aquilino, os olhos azuis do fundador da WIC fuzilaram o rapaz.

– Quando estavas nos cueiros, ó meu jovem, a maioria de nós aqui já fazia negócios enquanto lutava contra os espanhóis. Se o que queres é te divertir, sugiro que vás a algum dos nossos bordéis. Temos mais de duzentos cá em Amsterdã. – E, girando nos calcanhares, com ar de desprezo e voz inflamada: – Precisamos pensar grande, meus senhores. Pensar grande!

Com um capital subscrito de pomposos dezoito milhões de florins, o objetivo da WIC, essencialmente, era institucionalizar a pirataria para romper o bloqueio econômico, minando assim o poderio espanhol. Daí contar com apoio governamental. Havia, em todo o caso, uma contrapartida: os diretores tinham precisado jurar obediência aos Estados-Gerais, na pessoa do *Pensionário*¹; e ao *Stadhouder*², o príncipe Maurício de Orange, capitão-general dos exércitos da República. A Companhia tinha dinheiro e apoio governamental, mas não estava conseguindo amarrar um consenso na diretoria. Fulano sugeria uma coisa; sicrano, uma outra; beltrano, uma terceira... Cada um dos dezenove diretores, representantes dos comanditários das diferentes províncias, queria fazer prevalecer o seu ponto de vista. Só depois de idas e vindas, reuniões e mais reuniões, polêmicas, bate-bocas e tergiversações, o *Conselho dos Dezenove* decidiu-se, finalmente, pelos próximos objetivos.

1. Título pelo qual era conhecido o chefe de governo da República das Províncias Unidas.

2. Chefe de Estado. No caso, o mais nobre entre os nobres, o príncipe Maurício de Orange-Nassau.

– Como já disse, fico feliz com a resolução dos senhores de se proporem a bancar negócios de envergadura – aprovou Usselincx. – Se conseguirmos mesmo apresar essa remessa anual de prata do Peru, seria um feito e tanto!

– Ficaríamos ricos, Usselincx – gracejou um dos diretores, representante de um grupo de comanditários de Roterdã, ele próprio dono de ridículo zero vírgula zero um por cento da Companhia. – E aqueles refugiados da Valônia, que não saem dos nossos calcanhares; o que fazemos com eles?

– Não me incomoda a ideia de mandarmos essas famílias (*trinta famílias, não é isso?*) para a região do Rio Hudson³. Se o que querem é fundar a Nova Jerusalém, Nova Amsterdã⁴ ou Nova-qualquer-coisa, que fundem. Contribuirmos, mandando um barco levá-los para a América do Norte, seria um ato de caridade que poderia nos trazer informações importantes.

– Estou mais preocupado mesmo é com a colônia grande do Sul – retorquiu outro.

– Pois é – meneou a cabeça o idealizador da WIC, um pouco cansado das controvérsias. – Continuo preferindo que começássemos do zero. Uma colônia nossa, com gente nossa, às margens do Rio da Prata, onde o clima é mais ameno. De todo modo, se a maioria prefere o confronto direto com os espanhóis, curvo-me à maioria.

– Ver tu te curvares, ainda que à maioria, já é uma grande coisa – espicaçou o jovem representante da Zelândia, a quem Usselincx ridicularizara da outra vez.

– Palavra?... – zombou o velho, afagando a barbicha com desdém. – De todo modo, agora precisamos curvar é o *Pensionário* e o príncipe Maurício. Sem a concordância deles, nada feito.

3. Rio que deságua na baía de Nova York, descoberto por Henry Hudson, um inglês que trabalhava para a VOC, em busca de uma rota alternativa para o Oriente.

4. Atualmente, Nova York.

– Curve Sua Alteza e o *Pensionário* se curvará a ele – zombou alguém.

– Não sejas injurioso, Pieter. De último, Anthonis Duyck tem se mostrado bastante independente – ironizou Usselincx, arrancando sorrisos gerais.

Um pouco desconcertado, já que não era dado a pilhérias, o velho olhou para um dos colegas do conselho e continuou:

– Tu, ó Jan, que tem facilidade com as letras, não quererias escrever um arrazoado das nossas ideias para facilitar o entendimento do *Stadhouder*?

– Tudo bem. Como queiras – concordou Jan Andries Moerbeek. – Dê-me três semanas. Pode marcar a audiência com Sua Alteza para o início de abril. Na próxima reunião, trago um rascunho para discutirmos.

– Ótimo. Só não se esqueçam de uma coisa: este é um segredo que precisa ser guardado a sete chaves. – Usselincx insistiu: – Sete chaves! Não contem nem às senhoras vossas esposas. Só nós aqui do conselho, mais o *Pensionário* e o *Stadhouder*, precisamos saber. O fator surpresa é decisivo para o sucesso dessa incursão.



Capítulo 3

Segredo contado, segredo espalhado

Enquanto eram apenas o *Holanda*, o *Zelândia*, o *Netuno* e outros veleiros da *WIC* que entravam nos estaleiros para serem reequipados, tudo passou despercebido. Porém, quando principiaram a instalar mais e mais canhões no *Nassau*, no *Sint Marten* e numa porção de outros navios particulares, começou o zum-zum-zum no porto.

Os armadores sorriam à toa. Ao que se falava, a Companhia das Índias Ocidentais estava alugando qualquer embarcação com mais de 100 *lasts*¹. Os desocupados da beira do cais também não tinham muito do que se queixar. Comentava-se ser em número de três mil os homens que seriam recrutados.

A efervescência em torno da poderosa armada que a *WIC* apetrechava despertava curiosidade. A boataria corria à solta.

– Soube que vão atacar os espanhóis em La Coruña – dizia um.

– Inclusive, parece que o príncipe Maurício está formando

1. Antiga unidade de peso holandesa. Um *last* corresponde a 1.656 quilos.

um exército de mercenários tudescos² para marchar sobre Madri – especulava um segundo.

– A história que eu ouvi é outra. Vão mesmo é invadir Lisboa, derrubar a dinastia dos Áustrias de Espanha e colocar o cunhado do *Stadhouder* no trono.

De tanto que foi fustigado, um dos *Senhores Dezenove* acabou confessando os planos da Companhia à esposa. A bisbilhoteira senhora jurou manter sigilo, mas não resistiu à tentação de revelar o segredo à sua melhor amiga. Esta, a uma terceira. Aquela, ao amante. E o *dom-juan* fanfarrão, a um prestamista judeu, com quem estava penhorado até as calças. Não demorou muito e a notícia chegou à Antuérpia, de onde foi repassada para a governadora dos Países Baixos Meridionais³, que estava em Madri visitando El-rei.



– Falastes com Sua Majestade, Alteza? – questionou um tanto aflito o Conde de Ficalho, presidente do *Conselho de Portugal* junto à corte espanhola, tão logo a porta foi fechada.

– Falar, falei – anuiu a infanta Isabel Clara Eugênia, tia do rei e viúva do arquiduque Alberto de Áustria, ex-governador de Portugal. – Mas Felipe não deu importância. Mandou que eu avisasse Olivares.

– Pelo sangue de Cristo! – exasperou-se o velho fidalgo português meneando a cabeça: – Sua Majestade...

2. Denominação antiga dada aos alemães.

3. As províncias ao sul do Rio Reno, dominadas por aristocratas católicos e que, em 1579, haviam se curvado ao soberano espanhol. Nos dias de hoje, grosso modo, Bélgica e Luxemburgo.

– Eu sei, caro amigo. Eu sei. Mas que se há de fazer?... Felipe é um bom rapaz, mas puxou um tantinho ao pai – admitiu com um sorriso complacente nos lábios a governadora dos Países Baixos. – Esse menino!... Pompas e festas é com ele mesmo. Agora, problemas... Isso é lá com o Olivares!

– Pobre União Ibérica⁴... Pobre Portugal...

– Nem tanto, caro amigo. Nem tanto – e a filha do terceiro casamento de Felipe Segundo de Espanha com a irmã de um finado rei de França, com a elegância possível de seus cinquenta e sete anos, levantou-se e passeou pela sala. – O Conde de Olivares pode ter lá os defeitos dele, mas está resgatando nossa hegemonia na Europa. Não há como negar.

– Eh!... Deus sabe a que preço – admitiu o conselheiro, antes de se resolver a arriscar: – Vossa Alteza não acha que eu deveria me adiantar e mandar avisar em Lisboa?

– Melhor não, meu amigo. Melhor não. Podes cair em desgraça com o Olivares. Deixe que eu cá dou um jeito. Difícil é conseguir falar com o senhor conde. Mais fácil com Sua Majestade – zombou. – Mas eu cá dou um jeito.

– Se me permite, por que Vossa Alteza não conta logo a história a Dom Hernando, o confessor do Olivares? Não estais a vos confessar com ele também?... Talvez fosse o caminho mais fácil.

Duas manhãs mais tarde, ao percorrer como um furacão os corredores do *El Alcazár* de Madri, Gaspar de Guzmán y Pimentel, o Conde de Olivares, soltava fogo pelas ventas. Não fora propriamente a má notícia que o enfurecera; estava acostumado. O que o abespinhara era o fato da novidade haver chegado a ele por caminhos canhestros. Quem teria coragem,

4. Nome oficial da união entre Portugal e Espanha sob um mesmo rei; espanhol, no caso.

todavia, de lembrar a Sua Graça que fora ele próprio quem postergara e tornara a postergar os insistentes pedidos de audiência do presidente do *Conselho de Portugal* e da tia do rei?... Quem se atreveria? Olivares era o valido d'El-rei. O homem de confiança de Felipe Quarto. Era ele, na prática, quem comandava o Império e, diziam as más línguas, mantinha nas mãos os cordéis que faziam Sua Majestade funcionar. Não, não seria uma boa ideia recordar ao senhor conde as próprias falhas.

– Não posso permitir que isso aconteça! Perder esse carregamento de prata seria um desastre – vociferou Olivares, depois de passar uma descompostura nos auxiliares. – Mandem imediatamente um galeão ligeiro a El Callao⁵. Que tratem de antecipar o embarque e mudar de rota. Se essa prata for roubada, os responsáveis pelo carregamento haverão de se haver comigo!

– Perfeitamente, Excelência – anuiu o secretário-geral do gabinete, curvando modestamente a cabeça. – E... e o Brasil, Vossa Graça?

– O Brasil? Ora o Brasil!... De lá só podem roubar açúcar. Mas avisem em Lisboa – decretou o todo-poderoso primeiro-ministro, antes de mudar rapidamente de ideia: – Não. Melhor não. *Los Tres Patetas*⁶ não saberiam o que fazer. Iriam mandar um emissário de volta me perguntar. Façam uma carta de Sua Majestade comunicando o fato a eles, mas avisem igualmente ao governador da Província. Quem é mesmo que está no posto?

– Diogo de Mendonça Furtado, Vossa Graça.

5. Principal porto do vice-reino espanhol do Peru.

6. Algum tempo depois da coroação de Felipe Segundo de Espanha como rei de Portugal, até os cartógrafos estrangeiros tiraram Portugal do mapa. Para todos os efeitos práticos, Portugal era tratado como província. Ora governado por um vice-rei, ora por um governador, no momento, por um triunvirato composto pelo Conde de Basto, por Dom Nuno Alvares Portugal e pelo bispo de Coimbra.

– É verdade – lembrou-se o soberbo conde, brincando com as guias do esquisito bigode de pontas voltadas a prumo para o alto. – Aquele que era governador de Málaca, não é mesmo? Pois então... Mandem avisar o tal Diogo e a *Los Tres Patetas* de Lisboa. Convoquem também o *Conselho de Portugal*. Mas não percam tempo demais com essas histórias. A prioridade é salvar o carregamento de prata do Peru.



VOLTAR